

# OS SILOGISMOS E OS NATURALMENTE ESCRAVOS, A Política – Capítulo I, de Aristóteles

Denilson do Nascimento De Barros<sup>1</sup>  
Gabriel Deus da Costa Silva<sup>2</sup>  
Matheus Alves dos Santos<sup>3</sup>

A sociedade em que habitamos deve ter como princípio e finalidade, o bem comum de todos. É isso que afirma Aristóteles, em A Política – Capítulo I, em que toda sociedade existe para um bem comum e coletivo. O homem trabalha sempre tendo em vista algum bem, senão isso, não necessita unir-se com outras pessoas, buscando o bem coletivo.

A relação que essas pessoas estabelecem em vista desse ideal coletivo, segundo Aristóteles implica uma alternância de ordem e função. A própria natureza já requer essa alternância entre os seres: um ser que ordena, dotado de inteligência e autoridade; e um ser que obedeça, dotado de força física, deve então obedecer e servir. É esta a relação que trabalharemos neste artigo – a relação de senhor e escravo ou tão somente, os naturalmente escravos.

A natureza implica nos seres a relação de comandantes e comandados, pois sem essa divisão, as estruturas da sociedade não funcionam, pois como dito anteriormente, carece a natureza, um ser ordene e um ser que obedeça. Contudo, percebemos aqui, que essa ideia proposta por Aristóteles desvinculou-se de sua forma original, onde as pessoas já não mais obedecem ou procuram ter uma relação de bem comum. Diferente disso, percebemos no homem, uma busca desenfreada pelo bem individual, pelo prazer pessoal e um egoísmo tão grande, que choca até os animais, embora não dotados de razão.

Aristóteles afirma que o homem não pode viver sozinho, aquele que busca viver desta forma, é um bruto ou um deus. Aqui nos parece de forma clara, que o homem não nasceu para viver só, mas para viver em conjunto/comunidade com os demais de sua espécie.

A relação que Aristóteles estabelece entre senhor e escravo difere daquela visão que temos, ao ter em mente a escravidão dos negros, como forma de dominação por uma raça

---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Filosofia da PUC-Campinas.

<sup>2</sup> Aluno do Curso de Filosofia da PUC-Campinas.

<sup>3</sup> Aluno do Curso de Filosofia da PUC-Campinas.

superior. O que nos propõe Aristóteles é entendermos que esta relação se realiza na própria ordem natural das coisas, ou seja, a necessidade de um ser dotado de liderança e comando; e outro dotado de força, capaz de obedecer e servir. Aristóteles não nega a natureza humana ao escravo, mas constata que na sociedade são necessários também os trabalhos materiais, que exigem indivíduos particulares, que fica assim tirada fatalmente à possibilidade de providenciar a cultura da alma, visto que necessário para tanto – tempo e liberdade – bem como as qualidades espirituais aptas para esse fim, excluídas pelas características das qualidades materiais de tais indivíduos, daí a escravidão.

A relação de senhor e escravo, segundo Aristóteles se dá desde o nascimento, caracterizando uma condição do próprio ser. Isso se demonstra na questão do homem e da mulher, onde um não pode existir sem o outro, devido à reprodução. Todavia, o homem é superior à mulher, assim como o filho mais velho detém um poder real sobre a administração da casa, e também as colônias conservam essa mesma forma de distinção. O escravo não tem a mesma posição que o senhor, seu fim é prestar determinado tipo de serviço instituído pelo senhor. Portanto, o escravo é naturalmente inferior e diferente, onde sua relação é pautada pela obrigação e não pela amizade.

Em suma, concluímos que a condição de escravo está vinculada ao trabalho que este realiza para o senhor, e também na sua capacidade de obediência ao ser superior. Portanto, a natureza impõe aos seres, a relação de comandante e comandado – senhor e escravo. Inferimos que a condição de escravo é uma situação presente desde o nascimento, uma característica do próprio ser. O escravo dotado da capacidade de raciocínio e, por ter sua razão subordinada ao senhor, é capaz de obedecer e acompanhar o senhor naquilo que ele determina.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Aristóteles. **A Política, cap. I.** Tradução Nestor Silveira Chaves. 2ª edição revista. Bauru, SP: EDIPRO, 2009.